

## ATRAVESSAMENTOS NO E COM O CORPO: NARRATIVAS ESTÉTICAS NA DOCÊNCIA

### CROSSING IN AND WITH THE BODY: AESTHETIC NARRATIVES IN TEACHING

### ATRAVESAMIENTOS EN EL Y CON EL CUERPO: NARRATIVAS ESTÉTICAS EN LA DOCENCIA

Rosvita Kolb Bernardes<sup>1</sup>

rosvitakolb@gmail.com

Ana Cristina Carvalho Pereira<sup>2</sup>

anacristina.cpereira@gmail.com

## RESUMO

Apresentamos neste texto a reflexão sobre aspectos da formação continuada de professores generalistas da Educação Infantil para o ensino de Arte na Rede Pública de Belo Horizonte. Para tanto, teceremos algumas considerações sobre a oferta do curso de aperfeiçoamento Educação Infantil, Infâncias e Arte, em 2013 e 2014, para professores de 11 secretarias municipais da capital e Região Metropolitana. A possibilidade da oferta surgiu a partir da parceria do Ministério da Educação e Cultura (MEC), do Fundo Nacional de Desenvolvimento da Educação (FNDE) e da Universidade Federal de Minas Gerais. O primeiro aspecto diz respeito ao objetivo do curso de desafiar, provocar, instigar o pensamento estético, a sensibilidade, a busca de novos significados e a construção de novas relações, estruturado a partir do conceito “saberes da experiência” (Larrosa, 2002). Buscamos uma ênfase na experiência estética, deixando claro aos professores que participariam de um curso que o princípio fundador do aprender/ensinar Arte passava pelo campo da experiência de criação das quatro linguagens: Plástico Visual, Dança, Música, Teatro. Era preciso contribuir para a formação estética docente pensando a experiência como um lugar de aberturas. Experiências que permitissem aos professores olharem para a Arte possibilitando ver as coisas existentes de modos diferentes, possibilitando a construção de diferenças interpretativas para dar ao mundo significados. Um corpo entendido como território do sensível, aquele que nos permite ser, ocupar espaços, fazer parte do mundo, construir sentidos, aprender, comunicar, dialogar e interagir numa totalidade integrada, sintetizada no que chamamos de corporeidade. Optamos neste artigo trazer experiências vividas por professoras, no contexto da disciplina Plástica Visual do Curso de Formação de professores. Dentro da proposta geral do curso, o tópico Linguagem Plástica Visual teve como objetivo de possibilitar as professoras de investir os seus processos de criação a partir da Arte Contemporânea. Para dar forma e sentido a essa experiência, adotamos como caminho metodológico

1 Universidade Federal de Minas Gerais. Escola de Belas Artes

2 Universidade Federal de Minas Gerais. Escola de Belas Artes

o “ateliê biográfico de projeto,” inspirado em Christine Delory-Momberger (2006). A experimentação com diversos materiais expressivos abriu espaço para as narrativas de histórias de vida e formação estética que se configuraram como atravessamentos numa dimensão estética e formativa.

**PALAVRAS-CHAVE:** ARTE; DOCÊNCIA; CORPOREIDADE; NARRATIVAS ESTÉTICAS AUTOBIOGRÁFICAS.

## ABSTRACT

We present in this text the reflection on aspects to the continuous formation of general education teachers of the Child Education for the teaching of Art in the Public Network of Belo Horizonte. To do so, we will make some considerations about the offer of the improvement course in Early Childhood, Childhood and Art, in 2013 and 2014, for teachers of 11 municipal secretariats of the capital and Metropolitan Region. The possibility of the offer came from the partnership of the Ministry of Education and Culture (MEC), the National Fund for Education Development (FNDE) and the Federal University of Minas Gerais. The first aspect concerns the objective of the course to challenge, provoke, instigate aesthetic thinking, sensitivity, the search for new meanings and the construction of new relationships, structured from the concept of “knowledge of experience” (Larrosa, 2002). We sought an emphasis on the aesthetic experience, making it clear to teachers who would take part in a course that the founding principle of learning / teaching Art passed through the field of experience of creating the four languages: Visual Plastic, Dance, Music, Theater. It was necessary to contribute to the aesthetic teacher training thinking the experience as a place of openings. Experiences that allow teachers to look at the Art making it possible to see existing things in different ways, allowing the construction of interpretive differences to give the world meaning. A body understood as territory of the sensitive, that which allows us to be, occupy spaces, be part of the world, construct senses, learn, communicate, dialogue and interact in an integrated totality, synthesized in what we call corporeality. We have chosen to bring experiences experienced by teachers in the context of the Visual Plastic Discipline of the Teacher Training Course. Within the general proposal of the course, the topic Visual Visual Language had the objective of enabling the teachers to invest their creative processes from Contemporary Art. To give shape and meaning to this experience, we adopt as a methodological path the “biographical design studio,” inspired by Christine Delory-Momberger (2006). The experimentation with several expressive materials opened space for the narratives of life histories and aesthetic formation that were configured as crossings in an aesthetic and formative dimension.

**KEY WORDS:** ART; TEACHING; CORPOREIDADE; AUTOBIOGRAPHICAL AESTHETIC NARRATIVES.

## RESUMEN

En este texto se presenta la reflexión sobre aspectos a la formación continuada de profesores generalistas de Educación Infantil para la enseñanza de Arte en la Red Pública de Belo Horizonte. Para ello, tejer algunas consideraciones sobre la oferta del curso de perfeccionamiento Educación Infantil, Infancia y Arte, en 2013 y 2014, para profesores de 11 secretarías municipales de la capital y Región Metropolitana. La posibilidad de la oferta surgió a partir de la asociación del Ministerio de Educación y Cultura (MEC), del Fondo Nacional de Desarrollo de la Educación (FNDE) y de la Universidad Federal de Minas Gerais. El primer aspecto se refiere al objetivo del curso de desafiar, provocar, instigar el pensamiento estético, la sensibilidad, la búsqueda de nuevos significados y la construcción de nuevas relaciones, estructurado a partir del concepto “saberes de la experiencia” (Larrosa, 2002). En el caso de que se trate de una persona que no sea una persona que no sea de

su familia, Era necesario contribuir a la formación estética docente pensando la experiencia como un lugar de aperturas. Experiencias que permitieran a los profesores mirar al arte possibilitando ver las cosas existentes de modos diferentes, possibilitando la construcción de diferencias interpretativas para dar al mundo significados. Un cuerpo entendido como territorio de lo sensible, aquel que nos permite ser, ocupar espacios, formar parte del mundo, construir sentidos, aprender, comunicar, dialogar e interactuar en una totalidad integrada, sintetizada en lo que llamamos corporeidad. Optamos en este artículo traer experiencias vividas por profesoras, en el contexto de la disciplina Plástica Visual del Curso de Formación de profesores. Dentro de la propuesta general del curso, el tema Lenguaje Plástico Visual tuvo como objetivo de possibilitar a las profesoras de invertir sus procesos de creación a partir del Arte Contemporáneo. Para dar forma y sentido a esa experiencia, adoptamos como camino metodológico el “taller biográfico de proyecto,” inspirado en Christine Delory- Momberger (2006). La experimentación con diversos materiales expresivos abrió espacio para las narrativas de historias de vida y formación estética que se configuraron como atravesamientos en una dimensión estética y formativa.

**PALABRAS CLAVES:** ARTE; ENSEÑANZA; CORPOREIDAD; NARRATIVAS ESTÉTICAS AUTOBIOGRÁFICAS.

### CURSO EDUCAÇÃO INFANTIL, INFÂNCIAS E ARTE<sup>3</sup>

A partir da parceria do Ministério da Educação e Cultura (MEC), do Fundo Nacional de Desenvolvimento da Educação (FNDE) e da Universidade Federal de Minas Gerais, surgiu a possibilidade de ofertar o curso de aperfeiçoamento Educação Infantil, Infâncias e Arte para professores e gestores de Educação Infantil de 11 secretarias municipais da cidade de Belo Horizonte e Região Metropolitana. Foram duas ofertas, uma no período de 2013 e outra em 2014.

O grande desafio era proporcionar aos professores de Educação Infantil uma formação na qual o ensino de Arte fosse entendido se contrapondo aos currículos estruturados a partir de sequências de atividades, de festividades com base no calendário cultural brasileiro ou local, ou até, rotinas padronizadas que mais visam ao controle e ao disciplinamento dos corpos. Isto porque, em muitas escolas, para assistir às aulas, bastaria que as crianças tivessem seu par de olhos, seus ouvidos e suas mãos, fragmentando e excluindo o resto do corpo.

Nosso objetivo era desafiar, provocar, instigar o pensamento estético, a sensibilidade, a busca de novos significados e a construção de novas relações. Era necessário alimentar/nutrir esteticamente os professores com um mergulho em experiências que desloquem, perturbem, subvertam o modo linear e equivocado de compreender o ensino de Arte na Educação Infantil. Era preciso contribuir para a inclusão cultural a partir de uma formação estética docente, pensando a experiência para além da prática e como um lugar de aberturas, um espaço de ATRAVESSAMENTO entre corpos, ideias, narrativas, experiências, objetos, lugares, tempos.

Apostamos no potencial transformador da experiência estética. Tínhamos como referencial o sentido de experiência de Bondía Larrosa que norteou a proposta por nós desenvolvida. O autor nos diz que “A experiência é o que nos passa, o que nos acontece, o que nos toca. Não o que se passa, não o que acontece, ou o que toca” (BONDÍA LARROSA, 2002, p. 21). Portanto, o

---

3 Coordenação do curso: Ana Cristina Carvalho Pereira. Professora da Linguagem Plástico Visual: Rosvita Kolb Bernardes

diferencial da proposta foi uma ênfase na experiência estética, deixando claro aos professores que participariam de um curso que tinha como princípio fundador do aprender/ensinar Arte passar pelo campo da experiência de criação.

Fizemos questão de ofertar o curso no prédio do curso de Artes Cênicas da Escola de Belas Artes da UFMG, devido à infraestrutura, dando oportunidade para que os professores vivenciassem o processo de formação em salas especializadas, revelando que há um aspecto político no cuidado com o modo de ensinar Arte e possibilitando que tivessem um contato com uma parte da universidade em que se desenvolvem cotidianamente ações artísticas. Um lugar onde se pensa e faz Arte. Desse modo, no intervalo das aulas os professores se deparavam com atores ensaiando pelos corredores e gramados, com dançarinos ensaiando ou envolvidos em processos de criação, com artistas desenhando a céu aberto, interagindo com a rotina da escola, como ensaios, laboratórios, performances, etc.

## ATRAVESSAMENTOS NO E COM O CORPO

Durante todo o curso Educação Infantil, Infâncias e Arte buscávamos experiências que permitissem aos professores olharem para a Arte possibilitando ver as coisas existentes de modos diferentes e a construção de diferenças interpretativas para dar ao mundo significados, encontrando sentidos que são, na verdade, fruto das relações, dos ATRAVESSAMENTOS no e com o corpo. Um corpo entendido como território do sensível, aquele que nos permite ser, ocupar espaços, fazer parte do mundo, construir sentidos, aprender, comunicar, dialogar e interagir numa totalidade integrada, sintetizada no que chamamos de corporeidade.

## TECENDO HISTÓRIAS

A imagem que me vem à mente é um emaranhado de fios. Muitos fios. Rasgados, emendados. Fios entrelaçados. Linhas que se cruzavam num emaranhado sem fim. Nós. Naquela manhã, me perguntava: por onde começar? Que fios puxar? Que histórias contar? A imagem da linha me levava para lugares e pessoas que vivem na fronteira do tecido - na margem, na bainha. Além das perguntas, formuladas para meus botões, rememorava a intencionalidade: com as professoras, é o avesso da costura, a linha de dentro que me interessa. Linha vira palavra? Gesto? Desenho?

Eram muitas mulheres, professoras, que estavam ali. De chegada podia ver diferentes posturas, com o corpo ocupavam de maneira diversificada o espaço. Um corpo carregado de sacolas, tecidos, cores, formas, cheiros. Flores. Encostado, parado em pé, sentado no chão, deitado. Um corpo ausente. Um corpo cansado, em silêncio. Era preciso ir atrás de suas vozes, fazer-me escutar, para prosseguir.

Se me movia o propósito de ajudar a criar visibilidade para o corpo daquelas mulheres, dar escuta para as suas histórias de vida de professoras da Educação Infantil era um bom começo. Assim, o processo de trabalho que, se iniciou naquela manhã, seguiu com a intenção de compartilhar e refletir sobre percursos formativos, no diálogo com a arte - a partir do corpo, do afeto, a partir das experiências e histórias de vida das professoras.

O que será que faz sentido para as professoras quando falamos de Arte? Criatividade, sensibilidade, técnicas expressivas, história da arte, pintores, artistas, modelos de atividades para fazer com as crianças, são tópicos que geralmente povoam o pensamento das educadoras (sobretudo da Educação Infantil). A minha intenção era (re)aproximá-las da Arte e familiarizá-las com os princípios que norteiam a área para que pudessem ir além da resposta padrão - de que a

Arte serve para desenvolver criatividade e sensibilidade.

Neste trajeto inicial de chegada, puxo fios da minha própria formação como professora e artista e muitos questionamentos me acompanham: como pensar uma formação em Arte para professores que não têm uma formação específica em Arte? Faz parte do meu caminho de ser professora na escola básica e na Universidade garantir ambientes de acolhimento para as subjetividades de cada um. Espaços que sejam convidativos para um processo de criação. No contexto em questão, estava diante de um campo específico: o campo de formação de professoras da Educação Infantil. E quem eram aquelas professoras? De onde vinham? Vieram buscar o quê?

Na proposta que estava delineada, envolver o outro torna-se essencial. E, como diz Formenti (2008), envolver significa cuidado e zelo. Qual a dimensão do cuidado e do zelo que poderia inaugurar com este grupo de professoras? Escuta sensível e acolhimento resultaram pressupostos para tudo o que se seguiria. Elas me diziam que tinham ido buscar ideias novas para seu trabalho na escola com a Arte. Arte. Que Arte?

Será que a Arte teria um conteúdo a ser desenvolvido, ou seria apenas um passatempo, uma lista de atividades prazerosas realizadas porque as crianças gostam? Será que basta lidarmos com tintas, pincéis ou massa de modelar para estarmos trabalhando com a Arte na escola? Estas questões, entre tantas outras, aparecem no cotidiano do professor e indicam a necessidade de avançarmos em nossa compreensão sobre a Arte na Educação. Quando falamos em trabalho com a Arte, falamos de uma experiência, de um processo, de um contato, de uma investigação, de uma relação sensível e cognitiva. No nosso ambiente escolar, de modo geral, a Arte ainda se relaciona a uma atividade e não a um processo.

Deixando em suspensão ideias e concepções sobre o fazer-pensar Arte na escola e na vida, seguimos para um outro encontro, o “ateliê biográfico”. Se o principal objetivo era (re)aproximar as professoras da Arte, como já indicado, o trabalho deveria passar, necessariamente, pela disposição e abertura de um tempo para que elas pudessem rememorar e narrar suas experiências com as linguagens artísticas ao longo da vida. Quem sabe por aí poderiam perceber os valores engessados que ainda povoam nossas escolas em relação às práticas e saberes do campo da Arte; poderiam reparar onde ficou seu próprio ser sensível.

Para o professor seguir viagem junto com as crianças, integrando os conhecimentos artísticos no cotidiano educativo, é preciso que olhe criticamente para sua própria prática, para sua vida vivida e se pergunte: Quem sou, que experiências me constituem? De onde venho? Por onde andei? O que aprendi? O que estou fazendo? É importante também localizar dúvidas e questões: O que penso a respeito da Arte? De onde vem essa concepção? Se não refletirmos sobre o que estamos fazendo, buscando os fundamentos de nossa prática, continuamos quase no mesmo lugar. Mas ganhamos terreno e avançamos quando nos abrimos a novos olhares, revendo conceitos e, ao mesmo tempo, ampliando conhecimentos e saindo do senso comum.

## ATELIÊ BIOGRÁFICO DE PROJETO

Nosso percurso foi inspirado na proposta do “ateliê biográfico de projeto” considerado, tal como formulado pela pesquisadora Christine Delory-Momberger (2006),

um procedimento que inscreve a história de vida em uma dinâmica prospectiva que liga o passado, o presente e o futuro do sujeito e visa fazer emergir o seu projeto pessoal, considerando a dimensão do relato como construção da experiência do sujeito e da história de vida como espaço de mudança aberto ao projeto de si.

(DELORY-MOMBERGER, 2006, p.359)

Seguir pelo caminho do ateliê biográfico significa, no caso específico que apresento aqui, lançar luz sobre os percursos pessoais de experiências estéticas das professoras. Não me interessava responder como elas tinham se tornado professoras, mas queria jogar luz na história da professora e sua relação com a arte, no ser professora revelando uma dimensão estética.

Assim, os encontros foram povoados por momentos em que cada professora pôde reconectar-se com sua história tecendo narrativas por meio das quais configurava, com autonomia e liberdade, um caminho de investigação e de experimentação estética. Traçar esse caminho permite vislumbrar o seu projeto pessoal, pois o relato, como construção da experiência do sujeito e da história de vida, carrega uma dimensão de espaço aberto ao projeto de si, o que significa mudança.

Na apresentação de si mesmo por meio do relato, o indivíduo se faz intérprete dele mesmo: ele explicita as etapas e os campos temáticos de sua própria construção biográfica. Ele também é intérprete do mundo histórico e social que é o dele: ele constrói figuras, representações, valores (...), considerando que é no relato que ele faz suas experiências de que o sujeito produz categorizações que lhe permitem apropriar-se do mundo social e nele definir seu lugar (DELORY-MOMBERGER 2006, p.369).

Com a perspectiva de amplificar possibilidades nos modos de falar de si utilizamos diferentes linguagens e materialidades expressivas, pressupondo a dimensão estética, poética, dos processos de produção de narrativas autobiográficas para mobilizar, no campo da sensibilidade, a compreensão e a escrita de si. Assinalamos, desta forma,

[...] a presença e importância da dimensão estética nos processos de construção das narrativas autobiográficas, onde diferentes linguagens e recursos expressivos potencializam as múltiplas interfaces do conhecimento de si, na relação sentimento-pensamento com e sobre o mundo (interno e externo a cada um), provocando diálogos de inteireza e intensidade vividas; onde o sensível e o inteligível são acionados, transformando saberes. (OSTETTO e KOLB-BERNARDES, 2015, p.172)

Fundamentada em tais pressupostos, propus uma caminhada pelos arredores da universidade, onde o curso estava acontecendo, com a seguinte pergunta: “O que acontece quando você anda?”. Esta pergunta fez parte do material educativo da 30ª Bienal de São Paulo e foi incorporada no trabalho com aquele grupo de professoras. A intenção era caminhar, olhar em torno, observar seu corpo em movimento e perceber o que pode motivar o seu caminhar. Com isso, chamava a atenção das professoras para uma prática comum, o caminhar. São muitos os modos de caminhar. Existem muitos modos de fazer e pensar Arte, e a Arte contemporânea é um terreno amplo que pode ser percorrido nas mais variadas direções e maneiras. A ideia da caminhada mobilizava o corpo e potencializava a reflexão. O desafio estava colocado para este grupo: incorporar literalmente o movimento como uma obra. O processo era o elemento central da experiência.

Incluir o caminhar como uma experiência estética veio também da artista Sandra Rey (2010), que coloca o ato de deslocar-se como uma ação artística. Segundo a artista:

O ato de caminhar foi largamente experimentado durante as primeiras décadas do século XX: em um primeiro momento, enquanto forma de antiarte, depois, enquanto ato primário de transformação simbólica do território e, posteriormente, como uma forma de Arte autônoma. (REY, 2010, p.109)

Propor a caminhada significaria tirar as professoras do conforto, podendo contribuir para alargar seus conceitos sobre Arte contemporânea, através da qual os atos de catar, de juntar, de recolher, escolher e guardar podem fazer parte de uma experiência estética. Tornando realidade gestos por vezes esquecidos ou não imaginados. Foi bastante curioso que, para muitas delas, a ação de catar, recolher, juntar coisas achadas pelo caminho remeteu-as ao tempo da infância, um hábito comum das crianças. Algumas professoras voltaram para a sala de aulas carregadas de folhas, pedras, pedrinhas, galhos, pedaços de madeira. Flores. Formigas, lagartos, lesmas, terra, areia, água.

No final da caminhada perceberam que mais do que acessar a sua memória de infância, elas permitiram-se vivenciar reencontros, permitiram-se partilhar e escutar as histórias provocadas pela experiência de caminhar. Recolhendo objetos, recolhiam histórias.

Eu já não me lembrava mais que as crianças fazem isto mesmo... vão juntando coisas pelo caminho. Na hora que fui recolhendo e juntando as pedras lembrei muito da minha mãe; ela ficava furiosa na hora de lavar roupa com as pedras que eu esquecia no bolso da minha calça! (Professora 1)

Eu lembrei do vaga-lume que eu adorava colocar em um vidro e ficar olhando para ele dentro de um quarto escuro. (Professora 2)

Este movimento inicial da caminhada costurou-se por um processo de escuta, de cuidado com o outro, onde as histórias, as memórias da infância foram revisitadas através da narrativa, da subjetividade de cada uma. No final do encontro uma professora testemunhou:

Às vezes, tenho vergonha do que faço na escola com as crianças. Eu achava que escutava o que as crianças me diziam e traziam. Ontem mesmo uma aluna me trouxe de casa uma borboleta morta que achou no quintal. Eu nem dei bola... Eu acho que não escutamos as crianças. Talvez, deixamos de nos escutar. (Professora 3)

Esta observação aponta algum grau de consciência, trazendo à luz a importância de investir no cuidado com o outro, assim como atribuir sentido às nossas experiências. Ouvir e ser ouvido ainda são ações frágeis (difíceis?) para nós. Como concluiu outra professora: "Parece que falar da sua história, dizer quem é você não tem valor para as pessoas". (Professora 4)

O trabalho continuou outro dia. Novo encontro, cada participante trouxe de casa um objeto de memória da sua infância. Trouxeram bonecas, roupas de nenê, fraldas, livros, brinquedos, lancheira, traveseiro, coberta, santinhos, colares, enfeites, chupeta, mamadeira, várias coleções, fotos. Ficamos envolvidas com os objetos e as suas histórias. Eram objetos de vários tamanhos, formas e cores. Alguns velhos e desgastados, outros nem tanto. Sentamo-nos em roda e olhamos para os detalhes, para as coisas minuciosas.

À medida que foram abrindo as suas caixas, sacolas, embrulhos com os seus objetos, iam narrando as histórias. Contar ativava a emoção. Muitas professoras se remeteram a sua infância no interior de Minas Gerais, trazendo nas suas falas um tom de saudade e de nostalgia. Um tom de choro, de silêncio, de pausa e respiro. Manoel de Barros (BARROS, 2003), nos fala de quintais e achadouros, onde se escondem tesouros da infância. Para encontrá-los, é preciso caminhar de um lugar para outro. De um canto para outro. Precisa-se mexer na memória. Foi um pouco assim, cavando a terra, mexendo em sacolas, desembulhando pacotes, abrindo malas, revirando baús de guardados das professoras, que chegamos ao quintal de recordações delas.

Depois de caminhar pelos espaços recolhendo tesouros, ativando olhares e memórias,

narrando e compartilhando achados, sentimentos e pensamentos, fragmentos de lembranças recuperados do (quase) esquecimento, houve o registro por escrito de ideias, reflexões. No rascunho, esboços sobre a história de vida e formação de cada participante, para depois escolher o material e o desenvolvimento do processo artístico pessoal.

As anotações dessas professoras, a escrita sobre seu processo, lembram o caderno de registro que é tão comum entre os artistas. Quem sabe elas estavam inaugurando pela primeira vez seus cadernos, um hábito bastante comum na Arte Contemporânea e que os artistas brasileiros têm incorporado desde os anos 1960 e 1970 a seus trabalhos artísticos? (SILVEIRA, 2001).

Registrar a sua própria prática através de desenhos, fotografia, pinturas ou escrita pode ser um rico instrumento de trabalho para o professor que busca construir e reconstruir seus conhecimentos junto com os alunos. Talvez, foi isso que aconteceu com as professoras.

No tempo do depois, ao olhar para alguns escritos das professoras nos seus cadernos, percebo testemunhos carregados de presença e significados. Anúncios de mudanças.

A princípio havia pensado em fazer diversos balões no estilo de festa junina, no papel manteiga. (...) No decorrer do curso foi surgindo a necessidade de repensar a minha proposta. Acabei achando que os balões tornariam a minha obra muito escolarizada. Optei então fazer mandalas de terra e móveis de espelhos. A princípio pensei em pendurar os espelhos em uma árvore e rodeá-los de mandalas... Mas depois que fui em Inhotim e vi a obra da Valeska Soares, tive uma outra ideia. (Professora 5)

Sigo e abro outro caderno, de outra professora que também destaca uma mudança no seu processo de construção das suas ideias:

Inicialmente pensei em fazer um painel estático. Mas aos poucos durante o curso ao vivenciar algumas experiências com os tecidos, com as sombras, me dei conta que a minha ideia inicial era muito escolarizada. E não era isto que eu queria mostrar. (Professora 6)

Um curso de formação de professores deve dar tempo para pensar, falar, fazer e experimentar. Ter um espaço para a experiência é fundamental dentro de um processo de formação em Arte, diz uma professora. Além de ver, discutir, pensar, temos que experimentar fazer Arte!

Outra professora destaca que o curso provocou-a a repensar suas aulas com a Arte na escola. Mostrou-lhe o quanto ela ainda tem uma visão fechada, limitada e pobre sobre Arte: “Eu estava estagnada dentro da escola! Acho que estou estagnada na minha vida!” dizia ela.

O cuidado com o preparo do ambiente, a forma de disponibilizar o espaço e os materiais para proporcionar um caminho de investigação, pesquisa e criação era também um objetivo. Sigo e abro outro caderno, no qual a professora lembra que viu em Inhotim um jeito muito especial de colocar as obras. O espaço dialogava com as obras expostas. “Não posso fazer do jeito que eu pensei”. Outra professora escreve no seu caderno: “Eu vi em Inhotim que as obras não são expostas de qualquer jeito. Mas cada obra é colocada no seu lugar certo. Não posso colocar o meu trabalho de qualquer jeito.”

Quando uma professora descreve a angústia e medo que sentia quando tinha que se expor em alguma atividade individual, impressiona. Mas qual não foi a minha surpresa em nosso encontro final quando a mesma professora apresenta “O grito”, produção em que dá forma e transforma este sentimento em obra:

Confeccionei uma caixa na cor preta, para caracterizar a angústia que senti.

Dentro dela forcei a caixa com embalagens de ovo para abafar um pouco o som do grito. Cortei uma janela do tamanho de uma cabeça. Assim as pessoas podem colocar a sua cabeça lá dentro e gritar a vontade! Podem colocar todos os seus sentimentos para fora! (Professora 7).

Assim como os artistas que nos convidam a ler e perceber o mundo em uma conexão direta com a vida, essa professora interagiu com a Arte para entender o mundo em que vive. Não seria exatamente disso que estamos precisando na escola? Não seria esta a função do artista na contemporaneidade? O artista que dialoga com o entorno, com o mundo?

## MUITAS HISTÓRIAS, MUITAS TRAMAS, MÚLTIPLAS VOZES

Muitas histórias nos olhavam naquele final de curso. Eram histórias mediadas por diferentes expressões, por diferentes materiais e concepções de Arte. Algumas professoras tornaram-se objeto de sua própria pesquisa. Cruzaram sentimentos, memórias da família, das casas, dos espaços percorridos da infância. Outras inspiraram-se em alguma outra história. Retomaram experiências com o corpo, com o espaço, com os tecidos, com a luz, sombra, transparência, leveza, cores, tinta e terra. Movimento. Ritmo.

Marcaram um tempo de aprendizagem onde a espacialidade, temporalidade e delicadeza foram incorporadas a sua produção artística. Ao narrarem plasticamente seu percurso estético, mobilizaram repertórios desconhecidos que aos poucos foram incorporados a sua produção artística. Foi aos poucos mesmo, pois precisavam de um tempo para criar uma intimidade com os materiais. Muitos trabalhos apresentados eram uma profusão de linguagens que narravam o infinito de cada uma. Mandalas, corpo pintado, tecidos, desenhos, fotos, cadernos, flores, pedras, linhas, construções tridimensionais, instalações, pinturas, performance, bordados. Eram múltiplas vozes e sonoridades num incessante movimento de narrar, de pensar, de traduzir o que foi vivido durante o curso.

Ao acompanhar o percurso e revisitar a produção estética das professoras, fica evidente que os caminhos feitos por cada uma seguem fluxos, percursos diferentes. Algumas seguiram caminhando pela beira do rio, outras pularam para dentro da água para se refrescarem e ficaram por ali mesmo. Outras seguiram o fluxo do rio e foram adiante.

Para tornar-se professor é preciso olhar experiências diversas, rever-se em processos vividos em sala de aula para poder seguir. Lançar-se, e apropriar-se, do desconhecido é essencial.

Penso que foi fundamental provocar formas e modos para que as professoras pudessem iniciar um caminho de voltar para si e encontrar-se com a sua própria história. O ato de narrar o vivido carrega a essencialidade do poder de as pessoas se reconhecerem como sujeitos de suas próprias histórias, atribuindo sentido aos diferentes itinerários percorridos e significando novas rotas a percorrer (OSTETTO e KOLB-BERNARDES, 2015). Percebemos, durante o processo, narrativas que se comunicavam além do próprio texto com um corpo presente, que dialogavam com uma gama de materiais por meio de uma imagem, uma foto, um tecido, um emaranhado de linhas um objeto, uma pintura, uma canção. Os trabalhos vieram carregados de outras significações, outras formas de significar e falar de si. Assim é que

[...] essas construções biográficas do espaço levam-nos a elaborar um mundo de significações e de valores que constitui, de alguma maneira, para nós, o mundo interior do espaço exterior. É sob o prisma desse “mundo interior” que o espaço exterior vai se achar dotado, para cada um de nós, de uma biograficidade singular,

isto é, de uma capacidade de construir vestígio, de construir experiência, de fazer sentido em nossas existências. (DELORY-MOMBERGER 2012, p.67)

Escolhemos construir um espaço onde as narrativas estéticas, corporais, autobiográficas das professoras pudessem ser ouvidas, acolhidas e validadas como parte de um processo de formação, reconhecendo como importantes os saberes da experiência.

Penso que pelo fio da memória e pelo ato de narrar-se através das mãos, de corpo inteiro, provocamos pontes, diálogos e partilhas para que as professoras pudessem iniciar um outro caminho com a Arte na escola, com o mundo, com a vida.

## AMPLIAÇÃO DO SENSÍVEL: ATRAVESSAMENTOS

A partir das diferentes experiências, seja na coordenação ou como professora do curso, foi, sem dúvida, uma possibilidade de vivenciar toda esta complexidade de oferecer um aprofundamento nas diferentes linguagens com seus desafios. Ao mesmo tempo foi possível constatar que a proposta de formação estruturada a partir da experiência estética foi transformadora à medida que possibilitou aos professores de Educação Infantil um ampliar sensível do olhar, da escuta e do movimento. Uma possibilidade de experienciar um saber sensível que os coloca diante do mundo como seres corporais que interpretam, significam e narram para dar sentido às suas experiências.

Ao final do curso de aperfeiçoamento Educação Infantil, Infâncias e Arte de 2013 e 2014, foi possível a criação de espaços de narrativas constituídos por falas, gestos, imagens, sons e movimentos, cores, fruto desses encontros – desses ATRAVESSAMENTOS das linguagens artísticas, pessoas, contextos e principalmente desejos.

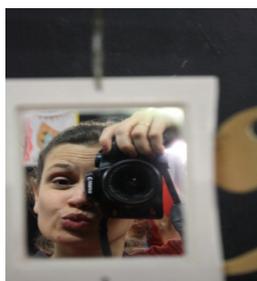


TERRITÓRIO  
DO SENSÍVEL

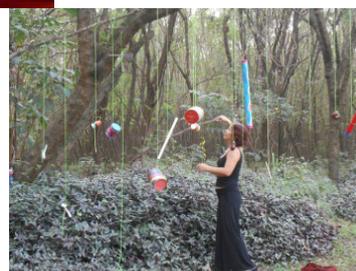


ABERTO A  
EXPERIÊNCIAS

SE  
DESCOBRINDO



PARTE DO  
MUNDO



CONSTRUINDO  
SENTIDOS



EM MOVIMENTO

ATENTO  
AOS DETALHES



CRIANDO  
NARRATIVAS



OCUPANDO  
ESPAÇOS



APRENDENDO

PROMOVENDO  
ENCONTROS



SENDO PROPOSITOR



Fonte: Acervo de fotos do Curso Educação infantil, Infâncias e Arte

## REFERÊNCIAS

BONDIA, J. L. Notas sobre experiência e o saber de experiência. In: Revista Brasileira de Educação. n. 19. São Paulo, p. 20 – 28, jan/fev/mar/abr, 2002.

BARROS, M. **Memórias inventadas: a infância**. São Paulo: Planeta, 2003.

DELORY-MOMBERGER, C. Formação e socialização: os ateliês biográficos de projeto. **Educação e Pesquisa**. São Paulo: v32, n2, ago, 2006.

FORMENTI, L. A escrita autobiográfica e zelo: um olhar composicional. In: PASSEGGI, M.(Org.) **Tendências da pesquisa (auto)biográfica**. São Paulo: Paulus, Natal, RN: EDUFRRN, 2008.

OSTETTO, L. E. KOLB-BERNARDES, R. Modos de falar de si: a dimensão estética nas narrativas autobiográficas. **Pro-Posições**. Unicamp. v.26, n.1(76)-jan./abr. 2015

REY, S. Caminhar: experiência estética, desdobramento virtual. **Revista Porto Arte**, Porto Alegre: v17, n29, 2010.

SILVEIRA, P. **A página violada: da ternura à injúria na construção do livro de artista**. Porto Alegre: Editora da Universidade/UFRGS, 2001.

RECEBIDO 01/11/18

APROVADO 14/11/18

## SOBRE OS AUTORES

ROSVITA KOLB BERNARDES. Professora da Escola de Belas Artes da Universidade Federal de Minas Gerais. Doutora em Educação pela Universidade Estadual de Campinas (UNICAMP - 2011). Licenciada em Desenho e Plástica pelo Centro Universitário Feevale (1979), Especialização em Arte-Educação pela USP (1987). Obteve o título de Mestre em Educação pela Pontifícia Universidade Católica de São Paulo (1991). Lecionou Arte no Ensino Fundamental de 1978 a 2013. Foi professora do curso de Estilismo e Moda da Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG) de 1993 a 2005. Lecionou no ensino superior privado em diversas instituições. Entre 2006 e 2016 foi professora do Ensino Superior da Universidade do Estado de Minas Gerais (UEMG) Escola Guignard, onde lecionou para cursos de graduação e pós-graduação. É assessora das proposições curriculares da educação infantil da Prefeitura de Belo Horizonte. Tem experiência na área de ensino de Arte e Educação, atuando principalmente nos seguintes temas: formação de professores, educação infantil e fundamental, educação estética, narrativas de formação, abordagem autobiográfica, história de vida.

ANA CRISTINA CARVALHO PEREIRA. Professora adjunta da Escola de Belas Artes da Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG) atuando no curso da Graduação de Licenciatura em Dança, no Programa de Pós-Graduação em Artes e no Mestrado Profissional em Artes (PROFARTES). É assessora das Proposições Curriculares da Educação Infantil da Prefeitura Municipal de Belo Horizonte. É doutora pela UFMG com foco em Processamento da Linguagem (gesto e cognição) (2010), mestre em Educação Tecnológica (Linguagem e Cognição) pelo CEFET-MG (2005), especialista em Arte Educação pela PUC-MG (2003) e possui graduação em Pedagogia Licenciatura Plena pelo Centro Universitário de Belo Horizonte UNI-BH (2001). Na Escola de Belas Artes/UFMG coordena o Grupo de Pesquisa Laboratório GESTOLab (credenciado pelo CNPq), os projetos de Extensão Linguagem Corporal na Educação Infantil e Profissionalização da Dança. Artista da Dança. É membro da Associação Brasileira de Pesquisa e Pós-Graduação em Artes Cênicas (ABRACE). Tem experiência na área de Educação, atuando principalmente nos seguintes temas: formação de professor, linguagem corporal e cognição, ensino de dança e educação infantil.